

La Cueva (“A caverna”): o lazer noturno LGBTQIAPN+ no mercado prateado dos “daddies” e dos “bears” em Copacabana¹

Alessandra de Figueredo PORTO²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - IBMEC/RJ

Resumo

Partindo da análise da sexagenária boate La Cueva, o trabalho reflete sobre a construção de sentidos oriunda das noturnidades (Fernandes; Herschmann, 2020) voltadas para o público LGBTQIAPN+ em Copacabana, com ênfase no lazer para os gays de meia idade, revalorizando assim os atributos do “gay maduro” ou “coroa” (Simões, 2004). Definido como “mercado prateado” devido à analogia com os cabelos grisalhos, o segmento é composto prioritariamente pelos adultos 50+. Com destaque nos “gays maduros”, a La Cueva ressalta os “daddies” (“papais”) e os “bears” (“ursos”), evidenciando as tribos naturais e o seu élan vital (Maffesoli, 2010) na comunidade gay masculina. A pesquisa se insere nos estudos da autora sobre Copacabana, e possui natureza bibliográfica, caráter descritivo, exploratório e analítico, contemplando também observação direta do ambiente digital (com foco na página da La Cueva no Facebook).

Palavras-chave

Copacabana; La Cueva; LGBTQIAPN+; Gays maduros; Mercado Prateado.

Sobre Copacabana e suas noturnidades: o fervo na noite da “Lilith Carioca”³

A pujança da vida noturna em Copacabana teve início na década de 1950. Houve uma imensa expansão imobiliária no bairro durante o governo do Presidente Juscelino Kubitschek (1956-1960), que ganhou bares, restaurantes, boates e cinemas, se transformando rapidamente em local preferencial da jovem boemia carioca (O’ Donnell, 2013). A “Princesinha do Mar”, que se transforma em “Cinderela Permissiva” quando a noite chega (Porto, 2025), prossegue com ampla oferta de lazer para diversas tribos (Maffesoli, 2010) no século XXI. Ou seja, a noite do bairro é efervescência, é “fervo”, descortinando a Copacabana que, ao ser pensada sob a lógica dos regimes diurno e noturno (Durand, 1997), se transmuta totalmente - e se deixa levar pelos mistérios e prazeres ligados ao universo noturno. E, dentre a alteridade que pulsa na noite do bairro, o público LGBTQIAPN+ se faz presente nos equipamentos de lazer da “Lilith Carioca”. Não se pretende aqui ignorar que Copacabana (juntamente com os bairros da Taquara, do Leblon e o centro da cidade) aparece como um dos principais locais quando o assunto é a violência contra a população LGBTQIAPN+ no município do Rio de Janeiro

¹ Trabalho apresentado ao grupo nº quatro (GP4: “Comunicação, Organizações e Consumo”), atividade integrante do XX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/BA, 18 a 21 de maio de 2026.

² Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ). Professora Adjunta do curso de Comunicação Social da UERJ (Relações Públicas). Professora do curso de Publicidade e Propaganda do IBMEC/RJ. Rio de Janeiro/RJ (E-mail: alefporto@gmail.com)

³ Para Costa (2015), Lilith representa a senhora da noite, mulher rebelde, que não aceita a dominação masculina, colocando o homem na condição de submissão. Nesse contexto, Porto (2025) aponta que “quando a lua aparece, Copacabana é mulher camaleoa, insubmissa, sedutora e permissiva. É a Lilith carioca” (p. 205).

(Sganzerla *et al.*, 2021). Contudo, por se apresentar como uma síntese de múltiplas interações, Copacabana demonstra o paroxismo dos mecanismos universais de diferenciação observado na pós-modernidade, e avança potente pelo século XXI com suas distintas e plurais sociabilidades – inclusive no que tange à comunidade LGBTQIAPN+ e o lazer noturno. Assim, prevalece o interesse coletivo nas sociabilidades, e o que importa é o sucesso da reunião social, na qual se busca a confraternização (Freitas; Fortuna, 2009). Quando se trata do icônico bairro, salienta-se a “interação intensa e permanente entre atores variados, circulando entre mundos e domínios” (Velho, 1995, p. 229), onde obviamente coabitam as “noturnidades gays”, uma vez que a noturnidade apresenta territorialidades que se referenciam na noção de festa.

La Cueva: a “caverna” copacabanense dos “papais” e dos “ursos”

Desta maneira, será analisada a boate La Cueva, inaugurada em 6 de janeiro de 1964. A La Cueva (cuja tradução do espanhol é “A Caverna”) fica localizada em Copacabana, na rua Miguel Lemos nº 51, e é a mais antiga boate gay da América Latina - e a terceira do mundo⁴. Cabe frisar que, quando se aborda o lazer noturno LGBTQIAPN+, existe uma marcação identitária a priori, já que as pessoas procuram as boates e festas em busca dos seus, demonstrando assim que “se categorias como ‘padrão’ ou ‘viadão’ enunciam uma fragmentação identitária que vai transformar cada termo em uma tribo de fronteiras definidas, talvez isso não seja nenhuma novidade” (Longo, 2018, p. 18). Vale registrar que foi na La Cueva que aconteceram as primeiras edições da “V de Viadão” no ano de 2013, festa que depois passou a ser realizada em espaços para mais de mil pessoas em outras cidades brasileiras, como São Paulo e Belo Horizonte⁵, demonstrando que as possibilidades espaciais e sônicas transbordam através do deslocamento (Fernandes; Herschmann, 2020).

A La Cueva possui como principal público-alvo os homens de meia idade, tendo como perfis principais “os *daddies*” (os “papais”, “provedores/protetores”) e os “*bears*” (os “ursos”, “gordinhos peludos”). Para melhor entendimento dos perfis acima, evidencia-se que, inicialmente, o termo “*daddies*” definia somente os gays de corpos idosos (Bastos, 2022). Tal expressão posteriormente passou a designar também os homens maduros cuja valorização está atrelada ao poder econômico, à virilidade e à experiência (Ferreira; Saturnino, 2025). Visando complementar a análise, Diniz (2017) aponta que “*daddy*” é uma categoria mais relacionada

⁴ Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1843100799733694-boate-gay-la-cueva-e-uma-das-mais-antigas-do-pais>. Acesso em: 5 fev. 2026.

⁵ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2023/08/15/v-de-viadao-completa-dez-anos-com-superfesta-no-rio.ghtml>. Acesso em: 5 fev. 2026.

ao comportamento do que propriamente aos corpos físicos, expressando inclusive uma certa dominação (que também pode ser de cunho financeiro).

No que diz respeito aos “*bears*”, a princípio definia os gays de corpos gordos e peludos, embora o corpo dos que se autocaracterizam como “ursos” tenha passado por valorações sociais as mais diversas, incluindo “a ideia difusa de que o homem gay de corpo padrão e peludo pode ser considerado urso, independentemente de seu peso” (Bastos, 2022, p. 53). Ainda segundo o autor (2022), isso provoca “em tom quase sempre irônico e crítico, protesto dos que defendem que os ursos representam a resistência de uma categoria que se enquadraria unicamente ao corpo gordo” (p. 53). Seguindo essa linha de pensamento, Diniz (2017) menciona que os corpos dos “*bears*” são tradicionalmente descritos como pesados, gordos, grandes e robustos.

Ou seja, diante das divergências no tocante aos variados perfis identitários na comunidade gay masculina, utilizar-se-á neste trabalho, partindo da abordagem do “mercado da maturidade” (“mercado prateado”), a expressão “*bears*” para definir os “gordinhos e peludos”, e “*daddies*” para os “papais”, bem-sucedidos economicamente e com experiência de vida. Assim, sem anular os outros perfis existentes, é interessante atentar que o lazer noturno para a comunidade gay masculina ofertado pela boate “A Caverna” enfatiza especialmente dois perfis: os “papais” e os “ursos”, como se observa a seguir (Figura 1).

Figura 1 - Festa La Cueva “Daddies & Bears in Rio” (fevereiro de 2026)



Fonte: Página da La Cueva na rede social Facebook, fevereiro/2026.⁶

Marco Antônio Reis (atual dono da “Caverna”) faz questão de ressaltar que o perfil original da casa se volta para as pessoas de meia idade, e declarou que prioriza “o público

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=122347146434003083&set=pb.61550092504264.-2207520000&type=3>. Acesso em: 19 fev.2026.

maduro e urso (gordinho peludo)”⁷. Nesse contexto, vale refletir que, para além da idade cronológica (ser “maduro”, “de meia idade”, “cinquentão”, etc.) e os ditames de uma sociedade etarista, a juventude no mundo contemporâneo nos remete a algo que se expandiu, que se confunde, sem amarras ou fronteiras: são as dilatações juvenis (Porto, 2025).

Por outro lado, à medida que tanto a idade biológica quanto a cronológica avançam sobre o indivíduo, os cabelos brancos comumente aparecem, tornando “as cabeças grisalhas”. Partindo da analogia com os cabelos grisalhos, a “Economia Prateada” (*silver economy*) é definida como a soma de toda a atividade econômica que atende às necessidades de pessoas com 50 anos ou mais, incluindo os produtos e serviços que elas comprem diretamente, e a atividade econômica adicional gerada por esses gastos⁸. Por conseguinte, define-se como “mercado prateado” o segmento formado pelo grupo em questão.

À guisa de conclusão, salienta-se que no dionisíaco do regime noturno, a La Cueva é espaço de interações entre corpos-indivíduos, onde “homens grisalhos, calvos, gordinhos, magros e seus admiradores mais jovens dançam, bebem e conversam ao som de canções antigas que remetem a juventude de muitos deles”⁹. Noturnidades essas que se experienciam na “caverna copacabanense”, entre “*daddies*” e “*bears*”.

Referências

BASTOS, Rafael Lira Gomes. As disputas de sentido envolvendo o corpo homossexual masculino caracterizado como urso: um exemplo de análise dialógica. *Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso*, v. 17, p. 35-56, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/gLZPrztS4f5dW7MKzSMVYrM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 fev.2026.

COSTA, Oli Santos da. A Pombagira: ressignificação mítica da deusa Lilith. 126 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás), Goiânia, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/781/1/OLI%20SANTOS%20DA%20COSTA.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2026.

DINIZ, Antony Henrique Tomaz. Os corpos dos ursos: uma etnografia do meio ursino paulistano. 2017. 140 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências e Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em:

⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2025/09/boate-gay-em-copacabana-resiste-ha-61-anos-com-foco-no-publico-maduro.shtml>. Acesso em: 5 fev. 2026.

⁸ The silver economy: final report, Publications Office of the European Union, 2018. Disponível em: https://publications.europa.eu/resource/ellar/2dca9276-3ec5-11e8-b5fe-01aa75ed71a1.0002.01/DOC_1. Acesso em: 26 fev. 2026.

⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2025/09/boate-gay-em-copacabana-resiste-ha-61-anos-com-foco-no-publico-maduro.shtml>. Acesso em: 5 fev. 2026.

<https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=496608>. Acesso em: 5 fev. 2026.

DURAND, Gilbert. Estruturas antropológicas do imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; HERSCHMANN, Micael. Efervescências musicais e noturnidades no Beco das Artes. Todas as Artes. Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura, v. 3, n. 2, p. 72-84, 2020. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/taa/article/viewFile/10253/9335>. Acesso em: 6 fev. 2026.

FERREIRA, Francisco Renato Silva; SATURNINO, José Wegino dos Santos. Do Twink ao daddy: etarismo e hierarquias geracionais nas subculturas gays. Estudos em Ciências Humanas e Sociais. 1ed., Curitiba-PR: Aurum Editora, 2025, v. 1, p. 1-10. Disponível em: <https://aurumpublicacoes.com/index.php/editora/article/view/468/508>. Acesso em: 6 fev. 2026.

FREITAS, Ricardo Ferreira; FORTUNA, Vania. O. O Rio de Janeiro continua lindo, o Rio de Janeiro continua sendo um grande palco de megaeventos. In: BORELLI, S. H. S.; FREITAS, R. F. (Orgs.). Comunicação, narrativas e culturas urbanas. São Paulo: Educ, 2009.

LONGO, Fabricio. Entre padrões e viadões. Novos debates - Fórum de Debates em Antropologia, v. 4, p. 14-19, 2018. Disponível em: <https://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/114/182>. Acesso em: 5 fev. 2026.

MAFFESOLI, Michel. Saturação. São Paulo: Iluminuras, 2010.

O' DONNELL, Julia. A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PORTO, Alessandra de Figueredo. Copacabana e seus múltiplos imaginários: desvendando a "Princesinha do Mar". Salvador: EDUFBA, 2025.

SGANZERLA, Rogério Barros *et al.* Dossiê da violência em razão da Identidade de gênero e orientação sexual no estado do Rio Janeiro. Aliança Nacional LGBTI+ & Grupo Arco-Íris de Cidadania LGBT, 2021. Disponível em: <https://aliancagbti.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Dossie-da-Violencia-LGBTI-COR.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2026.

SIMÕES, Julio. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (Orgs.) Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

VELHO, Gilberto. Estilo de vida urbano e modernidade. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 227-234, 1995. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2006>. Acesso em: 5 fev. 2026.